

# A DEFEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—**Manoel Alves Correia**

Editor—**José Plácido d'Oliveira Ramos**

ADMINISTRADOR—**Joaquim Correia Dias**

Redacção e Administração—**Rua Antero de Quental, N.º 18**

## Assignatura

Continente e ilhas adjacentes, semestre... \$75  
« « « ano..... 1\$50  
Africa e Brazil « ..... 3\$00

## PROPRIEDADE DA EMPREZA

Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias Garcia, N.º 132—Ovar

## Anúncios

Primeira publicação, \$6 centavos a linha. Repetições 4 centavos. Permanentes, contracto especial. Os srs. assinantes teem 25 p. c. de desconto.

## Proseguindo

Recae sobre os nossos hombros o pesado encargo da direcção d'este jornal, precisamente n'aquelle momento em que mais necessarios se tornavam a energia, a intelligencia e o elevado criterio politico de um homem de alta envergadura; e, para que o nosso nome, já de si humilde, mais minguado pareça, nem nos falta sequer o contraste flagrante com o do antigo Director d'este jornal, a quem n'este momento queremos, uma vez mais, prestar as nossas homenagens e afirmar a mais intima solidariedade.

Começa a nossa rude tarefa quando os ódios mais tórvos veem á superficie e se desdobram, como ondas que revolvem a lama dos baixios, nas formas mais vergonhosas e mais condenaveis: intrigas, provocações, ameaças até, pretendendo-se esmagar a intelligencia pela força bruta, ou calar a voz da razão pelo terror e pela violencia.

E' sempre motivo de justificada repugnancia terçar armas com um adversario, que usa processos de combate desleaes, aleivosos, como aqueles de que se teem servido os que nos teem atacado.

Embora! Não nos falta a fé nos principios de Justiça que nos animam, nem nos esmorece o animo para continuar o bom combate, que n'estas columnas se vem travando, no proposito honesto de libertar esta infeliz terra de toda a tirania de qualquer régulo, cuja unica força tem sido o nosso silencio, e para desmascarar ante o publico aqueles que, ha anos, o trazem ludibriado, cometendo á sua sombra toda a especie de violencias, espesinhando os mais legitimos direitos que a todos confere a Democracia, que eles dizem servir e trahindo os sagrados e puros principios da Republica, que dizem defender e amar.

E' n'este caminho que temos de proseguir, confiantes, activos e intemeratos, desprezando as ameaças, que são a arma mesquinha de quem outra não possui, arredando, com um encolher d'hombros, as injurias com que pensam atingir-nos, desviando, com uma gargalhada, os encómios com que queiram bajular-nos.

Nem ameaças, nem improperios, nem insidias, nada nos fará desviar do trilho cheio de dignidade em que vimos encontrar este jornal, e que nos indica claramente aquele em que temos de proseguir, unicamente impulsionados pelo pensamento nobre e pela necessidade inadiavel de demonstrar ao Povo que a Republica, a boa, a sã, a verdadeira Republica, não é a figura de verdugo com que para ahi os seus máus servidores a estão retratando, mas é a figura santa de uma Mãe que abre os seus braços a todos aqueles que a ela se acolherem, esquecidos e perdoados os seus erros, que a todos respeita, a todos defende, a todos ama igualmente.

**Alves Correia.**

## Agressão

Ao entardecer do dia vinte e dois de março, num dos arruamentos centraes desta vila, deu-se uma sena de pujilato entre o sr. capitão Camossa e o nosso colaborador sr. Afonso Abragão. O sr. Capitão Camossa agrediu este nosso amigo e foi por ele agredido:—está muito bem, e é o que sucede correntemente, nestes cazos, entre pessoas de bem. Mas o que neste cazo aconteceu de insolito—de tristemente novo—foi que do grupo que acompanhava o sr. Capitão Camossa se destacou, quando os dois contendores se debatiam jogando as razões pujilistas, o sr. dr. Alberto Tavares agredindo o sr. Abragão justamente quando este se defendia. Este incidente, cuja gravidade é desnecessario encarecer, é que merece que nele reparem todos,

porque é um insulto inaudito ás regras da boa educação, da corajem e da lealdade. O sr. Capitão Camossa desquitou-se com o nosso prezado colaborador do seu cazo pessoal que julgou como bem entendeu e teve o devido troco:—está isto bem e muito bem.

Mas o que está mal e muito mal é que se desse uma agressão ao colaborador da «Defeza», quando defendendo-se do Capitão sr. Camossa.

Esta ultima é que não pode ficar sem o nosso indignado protesto, que não é nosso somente, porque o é de quem quer que se respeite.

Passou, não fica sem a nossa profligação, e o que é para desejar é que se não repita.

Que se não repita—para bem de todos.

## Em linha rêta

Diz a «Patria» que não nos agravará se deixarmos os tons irritantes...

Para que a «Patria» se não permita interferir no modo como apreciamos e discutimos os factos e os acontecimentos politicos, devemos dizer-lhe d'uma vez para sempre que nos é absolutamente indifferente o modo como encara o que aqui escrevemos. Traçamos um programa, seguimol-o em linha rêta, sem fazermos o menor caso das apreciações dos nossos adversarios.

Irritantes serão sempre os tons dos nossos artigos, porque, tendendo todos a combater a nociva e odienta politica democratica que pela persiguição, pela vingança pessoal, pela desmoralização e pela intriga quer impor ao concelho um grupo antipático e dispotico, nunca aqueles que exploram á sombra d'essa politica, podem achar agradaveis, brandos, esses escritos. Nós vimos combatendo as injustificadas prisões de homens que nenhum crime praticaram e pagaram nas penitenciarias atos de rebeldia contra as imposições dos seus inimigos pessoas. Nós vimos combatendo essa vergonha que é a escola supero-inferior que, podendo representar um elemento de progresso no concelho, serve apenas para adulterar e corromper o ensino, abastardando-o, criando diplomados ignorantes, quando d'ali podiam sair alunos sabedores, e isto porque ao pedir a criação d'essa escola se teve só em mira arranjar nichos para seadeira de ignorantes e incompetentes; e, se por excepção, alguns mestres ali apparecem, que não envergonham a instituição, deve-se á interferencia de extranhos que não deixaram aos arrivistas democraticos mais logares a prover, mais bodos a distribuir. Nós combatemos essa desmoralização que ahi se estadeia tentando corromper tudo, oferecendo tudo... mas o que é de todos.

Para os homens que vivem d'essa politica roaz e desmoralizadora, para os politicos que entendem que a vinda da Republica foi para eles um bodo a repartir e um filão a explorar, quem tentar perturbar-lhes a farta digestão dos empregos largamente remunerados e providos sem competencia, só escreve em tons irritantes.

De todas as vezes que esses homens falam em defesa da Republica, não é a Republica que defendem—são as conexas que disfrutam, são as prebendas que exploram, são os monopolios que usufruem.

Para eles só podemos escrever em tons irritantes, quando nos rimos da sua incomensuravel vaidade e dos processos risiveis que empregam para lá fóra, em Lisboa, fazerem supór que têm Ovar fechado por uma chave.

Assim a «Patria» diz em tom de autoridade infalivel, que o partido democratico não desaparecerá d'Ovar enquanto não poder entregar os destinos desta terra a mãos genuinamente republicanas.

Como se os democraticos vaires tivessem poder para entregar ou deixar de entregar a direcção do concelho quando lhes aprouver—como se eles aqui tivessem predominio politico...

Eles teem aqui o predominio sómente do poder, teem apenas o poder que os governos e os ministros do seu partido lhes dão. Mais nada. Influencia eleitoral, simpatia popular é o que lhes falta por completo. Tudo teem procurado dominar, tudo teem perdido.

Por isso quando no concelho se levantou o partido republicano liberal, com um grupo d'homens de bem, com larga representação e representando uma influencia politica de valor incustodiado, apoderou-se dos nossos adversarios aquela irritação bem conhecida, que lhes faz bradar em tudo e a proposito de todos—talassas!

Os arabes teem um proverbio applicavel ao caso:

«Os cães ladram, mas a carabana passa».

Podem os democraticos á vontade apodar de talassas todos os nossos correligionarios. Isso nem lhes aumenta, nem lhes diminue o prestigio. E enquanto se entreteem com taes ninharias, o nosso partido vae seguindo o seu caminho até cumprir o seu programa: e o primeiro capitulo d'esse programa é expulsar da direcção do concelho os seus inimigos politicos porque são incompetentes para o representar, e perigosos porque estabeleceram no concelho uma politica d'odios e malquerenças que, só passados muitos anos, se extinguirá. Tal partido e taes homens, devem ser afastados e para longe.

E, depois, se realmente a «Patria» quer apurar onde se encontram os cristãos novos do novo regimen, é facil procural-os no seu partido. Pode vel-os agora ardidos republicanos, entusiasticos defensores d'uma republica que não perdôa a mais leve falta contra os puros principios.

Procure ahi ao lado quem no sidonismo e depois do sidonismo, durante o predomínio das Juntas Militares do Norte, precursors do coiceirismo e sua unica razão de ser, preston por escrito mesmo contra a opinião dos seus companheiros, o seu apoio. Ahi é que é fazer uma classificação propria: ahi é que é bem apreciar a convicção dos principios politicos, tanto mais que esses ardidos republicanos da ultima hora, foram os que mais rabiosos se mostraram nas perseguições operadas no concelho quando a ordem e a paz aqui pareciam assentar de vez.

São esses factos politicos que procuram encobrir, atirando aos adversarios a classificação que aos seus melhor quadra. Mas para eles basta pegar pé no seu partido para que a agua lustral democratica separe o passado do presente, limpando tudo. Para eles ser democratico é o mesmo que ser republicano historico, como se de titulos honorificos visesse a patria que cahiu no abismo sem fundo onde a lançou a voracidade desse partido de vorazes roedores e de ambiciosos famelicos.

Taes são os homens que combatemos: taes são os homens que de tudo lançam mão para se segurar na direcção do nosso concelho onde nenhum poder tem, porque o poder, o predominio só nasce, só se radica por atos de bondade, de justiça, e nunca, pela vingança, pelo rancor e pela vaidade desmedida.

## Uma carta

Do nosso amigo sr. Afonso Abragão recebemos com o pedido de publicação a seguinte carta:

Sr. Director da «Defeza»

Meu caro amigo:

Para completo esclarecimento de uma verdade que intencionalmente por aí anda muito desvirtuada, permita-me V., sr. Director, que eu tome um pouco de espaço no seu jornal.

A' 8 horas e meia da noite de 22 de Março findo fui assaltado e agredido em plena rua pelos srs. Zeferino Camossa Ferraz de Abreu, capitão de infantaria 24, e dr. Alberto Augusto da Silva Tavares, presidente da comissão executiva da câmara municipal. Eis os factos como se passaram: De um grupo de individuos que o... acaso fizera juntar em frente do prédio do sr. Antonio da Cunha Farraia, destacou-se, á minha aproximação, o sr. capitão de infantaria 24, Zeferino Camossa Ferraz de Abreu, e dirigindo-se a mim, principiou a agredir-me com toda a fúria, sem uma prévia explicação, sem uma simples palavra.

Apanhado assim de surpresa, nada mais pude fazer que tentar domar sua excelencia. O sr. capitão cae ao comprido com a vadeira, eu por cima dele, e, quando assim me procurava desforçar, um dos seus companheiros, o dr. Alberto Augusto da Silva Tavares, presidente da comissão executiva da câmara municipal, interveio agredindo-me pelas costas.

Não satisfeito com este

PARNASO VAREIRO

Terra da minha patria, oh! quantas vezes  
De ti me lembro na saudade minha!  
Do teu Graça, que falecido caminha,  
Em cujos campos pascem gordas rêzes;

Da tua fonte do Casal, que em mezes  
De ardente estro refrescar-me vinha;  
Da tua longa praia, em que se abstinha  
O mar ao nauta de prestar revêzes;

Do templo teu, onde os fieis oravam,  
Aonde ao seu pastor assaz attentos  
Santissimas palavras lhe escutavam;

De tudo me recordo; e em taes momentos,  
Para ti, minha patria, se elevavam  
Meus saudosos, meus tristes pensamentos.

Antonio Pereira Zagalo.

**NOTA EXPLICATIVA:**—Publicamos hoje nesta galeria um soneto do Dr. Antonio Pereira Zagalo. «Homem bom, medico abalisado e distinto poeta», eis o conterraneo que foi por todos os meios illustre e a quem neste numero rendemos o nosso preito de homenagem. Posto que residindo, a maior parte da sua vida, fóra de Ovar, nunca deixou de ter para ella os carinhos e as ternuras de um bom filho como se vê pelo soneto que acima publicamos e por elle escrito em Lamego, «sua patria adoptiva, a quem legou os tristes despojos do seu cançado e definhado corpo» quasi nos ultimos tempos da sua vida, como no seu bello livro «Ovar—Biografias» o diz o nosso conterraneo sr. A. Dias Simões.

Se assim é, nós aceitamo-lo, e fique descansada que nas primeiras eleições se verá a que mãos os destinos desta terra serão entregues.

Ha-de custar lhes a sair do poleiro, mas tenham paciencia...

A proposito

Do diário republicano de Lisboa «A Manhã» recortamos as seguintes palavras de applicação e que bem podem servir de aviso a... muito boa gente:

«De que servem tais violencias? Que resultado pratico se obtém com semelhantes demonstrações de força, que os factos não justificam? A agitada historia politica dos ultimos anos se encarrega de responder a estas perguntas. Ninguem pode governar pelo terror. Os exemplos são dos nossos dias e estão bom vivos ainda na memoria de todos para que tenhamos que recordá-los. Em vez de criarem prestigio na opinião, os que usam de tais processos concitam contra si odios implacaveis, descontentamentos que se vão accumulando pouco e pouco

da capela que tinham por especial predigio o verem-na assim inclinada á igreja, mantendo-se no entanto de pé quando todas as mais fóram de todo a terra. (1) As capelas dos passos abriram em varias partes e caíram por terra as cruzes e piramides que lhes serviam de remate. Nas casas particulares abriram algumas paredes pequenas bichas que com a continuação dos mais terremotos desse dia se tornaram a unir. Não morreu ninguém victima do cataclismo. E sendo certo que andavam a trabalhar na cidade de Lisboa duzentos ova-

(1) O facto de se notar esta coincidencia revela bem a grande importancia que em 1758 tinha o culto na capela da graça. Nossa Senhora como que quiz desta forma mostrar que, apesar de tudo, a sua capela era subalterna da igreja parochial, devendo por isso inclinar-se diante dela...

que um dia explodem naturalmente, tornando viáveis situações de terrorismo em que todos, mesmo aqueles que são alheios a qualquer acção de revindicta, pagam os erros dos que a praticaram, na febre alucinadora do poder».

Devaneios...

Antonio

A tua carta veio-me lembrar, no calor das tuas palavras, o fogo dos teus lábios, quando em beijos ardentes me comunicavas o entusiasmo do teu amor.

Era a tua voz embaladora que aos meus ouvidos renovava as suas endeixas; era a tua boca linda que perante os meus olhos se abria...

O murmuro da tua voz fazia-me sonhar; o teu hálito abrazava-me. E sonhei! Sonhei enquanto li o que escreveste! E senti-me a escalear, enquanto escutei os teus queixumes! Era a febre louca do desejo que eu julgava extinto, mas que se reacendia com uma simples carta tua.

Quiz, por momentos, no delirio dos meus sentidos, ter-te nos meus braços para

estes dois pontos, tornando extremamente difficil o accesso até á praia um extenso areal constantemente revolvido dos ventos que umas vezes o aparcelavam em dunas volumosas, outras o espalhavam e aplainavam. Parte dessa extensão, a mais visinha da vila achava-se desde 1623 semeada á custa do municipio de pinhal que teve por principal objecto defender a povoação contra a incursão das areias que ameaçavam suterra-la; a outra parte, mais proxima do mar era intratável á cultura. Na costa iam os moradores da vila lançar em certos dias do verão quando as ondas estavam socegadas, as redes de arrasto, tiradas a pulso, para pesca da sardinha que ás vezes recolhiam em abundancia.

Os palheiros eram em re- duzidissimo numero, os exclusivamente indispensaveis á arrecadação do material de pesca. Continuar-se-ha

te embalar, para te apertar de encontro ao meu peito, sentir, junto ao meu, palpitar o teu coração, absorver uma vez mais o aroma dos teus cabelos pretos, como nas horas deliciosas do nosso abandono, quando flácida repousavas a tua cabeça linda sobre o travesseiro mórno do meu seio (mar encapelado onde vogavam os teus sonhos, como tu lhe chamavas, lembras-te?)...

Mas não; não Antonio, não pode ser. Pelo nosso amor, não voltes a escrever-me; não venhas atear uma labareda que é forçoso conservar-se extinta.

Minha Mãe, á hora da morte, fêz-me jurar que não seria tua! Não devo ser; é mister que o desejo de minha Mãe se cumpra!

Se soubesses o martirio por que a minha alma tem passado! Este dilacerar lento das fibras do meu coração que a saudade ia despertando a todo o momento, e a visão, para mim sempre deliciosa, da tua imagem, ia avivando!...

Adeus! Adeus Antonio!

Esquece a

Candida.

Partido Democratico, deu a sua adesão.

Assim é que é e não como a «Patria» assevera.

CARTAS DO PARA

(Conclusão)

Ao alvorecer de terça-feira, o «Hildebrand» fundeia em frente á cidade e logo se vê bloqueado por uma chuma de pescadores e vendedores ambulantes, que dos seus botezinhos, apinhados dos vistosos artefactos da ilha e de escafandrista, magistraes, pedem em alta grita:—O' patrãozinho, deite um tostão ao mar, deite um chelim, patrãozinho!

Todos sabem que, a trôco dum tostão ou duma moeda qualquer de prata, esta gente, que poderíamos chamar amphibia, se despenha dos mais altos cimos dos vapores sobre a água, nella mergulha a uma profundidade considerável e atravessa a quilha de lês a lês com um fôlego só. Mas este espectáculo, que vai ter o entreacto do desembarque dos passageiros, será mais bello e emocionante ao zarpar do «Hildebrand», que está annunciado para o meio dia pontual.

Salto para uma lancha com alguns amigos, e eis-me pouco depois pisando de novo terra portugêsa. Com elles cõrro ao telegrapho, a dar novas á familia, lá mesmo deixo as cartas, enfiio por uns bêcos, guiado pelo bom do cicerone, á procura do pão que, ao encomendar do almôço no hotel, nos disseram não se cozêr senão três vezes por semana e que, sendo uma negra mistura de centeio e trigo, para o haver-mos, tivêmos de pagar pelo duplo do seu preço normal, na nossa qualidade de forasteiros. Mesmo assim, só uma padaria o fabricava nesse dia. Percorremos mais algumas ruas e eis-nos abancados á mêsá do hotel, a quebrar o nosso fastio numa travessa de pargo cosido, nuns tenros e bem temperados bifés de vitella com os concomitantes ovos, e no epilodal café com leite, que aqui, terra da boa manteiga, é dum bello sabôr e da melhor nata. Não há tempo para mais coisa alguma.

Até aqui alliviei um pouco a minha dôr, porque tive a doce e fagueira illusão de estar pisando chão continental; mas quando, ao clangoroso apitar do «Hildebrand», que chama os passageiros, largo em desfilada para o cães a tomar a lancha que me reconduzirá á cidade fluctuante, que vejo ancorada lá no fundo da bahia, e que vai ser o meu sombrio cárcere de mais 9 dias continuos, sinto quebrantar-se-me o coração e recahir naquella atonia symptomatica das grandes dôres em que por mal de mim já tombara á sahida de Lisboa.

Não importa. E' justamente nas garras do soffrimento que a alma se tempera para as grandes batalhas da lucta pêla vida, revestindo-se daquelle estoicismo que fazia já outrora sorrir Sócrates perante as rudes inclemências do destino.

Quando chego a bordo do «Hildebrand», a algaravia do dos ilhéus é ensurdecadora. E' que lhes restam poucos momentos para impin-

acto (a que o público dará o devido aprêço, e designará pelo nome competente) segurou-me, enquanto o colega se levantou, agredindo-me depois ambos, e terminando um dêles, que as testemunhas dizem ser o dr. Tavares, por me dar um pontapé na cara quando eu estava já no chão!!!

O dr. Pedro Chaves, que durante toda esta scena não sei onde estava, interveio então, pondo fim á... brincadeira.

Os comentários o público que os faça.

Parece ter motivado esta aggressão a parte do meu último «Xadrez» subordinada ao titulo «Espectáculo». Nada vem ali, me parece, que possa ofender qualquer dos meus dois agressores, nem eu, ao escrever, o fiz com o propósito de maguar; simplesmente critiquei com justissima razão o gesto de suas excelencias. Porém, se êsses senhores se julgaram ofendidos, é lá com êles; não refiro uma única palavra ao que escrevi.

Se com o seu gesto pretendem fazer-me calar, enganam-se redondamente. Nem me amedrontam as ameaças que me veem fazendo. Ponham-nas em prática quando quizerem.

Desculpe-me V., sr. Director, o espaço tomado e creiam-se seu

Afonso Abragão  
(Jorge d'Aguilar)

ASSENTANDO O ESTOMAGO

A «Patria» não gostou que a «Defeza» fálasse no completo descalábrio do Partido Democratico.

Doeu-se bastante e vá de dizer com fanfarronadas ridiculas, que elle em Ovar não desaparecerá enquanto não puder entregar os destinos desta terra a mãos genuinamente republicanas, (sic)

Isto só por troça. Então só as mãos democraticas é que são genuinamente republicanas?

Franqueza, franqueza, a «Patria» parece querer lançar-nos um reptô.

Folhetim

Ovar em 1758

O Terremoto de 1755

Esse pavoroso fenómeno scismico que quasi por completo destruiu Lisboa teve aqui tambem os seus desastrosos efeitos. Assim: abriram-se muito as duas pequenas aberturas já existentes na capela-mór da igreja. Caíram as cruzes do frontispicio da capela-mór desse edificio, fendeu-se a abobada da capela dos Passos em varias partes, desconjuntou-se-lhe o telhado e vieram-lhe abaixo a cruz e as duas piramides. Racharam as paredes e abobada da sacristia chamada do Senhor. Na capela da Senhora da Graça apenas se voltou uma cruz com uma meia volta á direita e assim se conservava ainda em 1758 a instancias dos devotos

gir aos passageiros as suas tão conhecidas artes e habilidades, de involta com os productos da sua originalissima industria, que constitue talvez a sua maior riqueza. Por isso, todos á compita se esbofiam em pregões naquêl-le desmanchar de feira, tentando ainda na última arrancada os riscos do seu rendoso negocio.

De súbito, o «Hildebrand» estremece e as águas murulham á pôpa, revolvidas pela hélice. No mesmo instante o rouquido do apito atrôa os ares e a magestosa nau rum-a para sudoeste, em direcção ao Pará. A medida que se vai distanciando de terra, eu despeço-me de todas aquelas verdejantes encostas da ilha, com a melancólica saúde do visionário que se perde pelos mundos da Chimera em busca dum ideal que tarde sempre, porque está situado no infinito e o infinito é inacessível.

O espectro de 9 dias de viagem ergue-se então medonho no meu espirito, e é este o instante supremo em que preciso de todas as minhas forças e do estímulo alheio para cumprir as prophcias dum fado, que tem o seu resaibo de atroz e de eruento. Neste cavallo de Perillo, em que se debate a minha alma, torturada pelas saúdaes dum passado que não volta, se me vão escoando lentamente os dias, entrecortados apenas, 40 horas depois da Madeira, pela alarmante nova de que o vapor «Anselm» vai passando a estibordo e que nelle viaja para Portugal um dos mais raros e sinceros amigos que conheci no Pará—o Alvaro Lisboa—, uma alma de eleição que tem vivido e palpitado com a minha em todos os transes e angústias.

Singular coincidência dos nossos fados! A primeira vez que vim a Portugal, fi-lo na sua companhia e consigo regresssei ao Pará; das outras duas vezes seguintes, sempre me tenho cruzado com elle no alto mar. Eis ahí uma flagrante prova de que as nossas almas vivem um pouco uma para a outra e soffrem uma acção sympathica que até certo ponto lhes irmana a finalidade na curta peregrinação cá pela terra.

Depois deste episódio, que lança uma réstea de alegria no meu espirito, recai naquella amargurada tristeza em que já vinha, até o Pará, onde chego no dia 11 de Dezembro, com uma bôa tara já no meu pêso, em consequencia de me alimentar mal e deficientemente. A entrada do «Hildebrand» na bahia do Guajará é um acontecimento, porque corria no Pará já há dias que tinha sido sepultado no oceano por uma tromba marítima, e com elle todos os passageiros e tripulantes. Felizmente tal não se deu, e por signal o mar foi duma bonança que é raro nas proximidades do solsticio do inverno, segundo dizem os argonautas.

A multidão enorme que em vapores e lanchas, e ao longo do cães, aguarda o «Hildebrand», recorda-me a chegada ao Pará do nosso cruzador «D. Carlos» em 1900, se me não falha a memória. Também ella então, como agora, se acotovelava na ância insofrida de estreitar contra o peito entes que lhe tocavam de perto, porque eram filhos da mesma aureolada pátria.

O meu desembarque é, pois, triumphal, e eu já me

julgo um novo Ulysses, com a symbolica corôa de louros cingida á fronte, e tendo, como elle, uma aventureosa odysseia a legar-me o nome á posteridade.

**Adolpho Amaral.**



**Mundana**

Fizeram anos:

No dia 2, o sr. Joaquim dos Santos Carneiro, ausente na Africa (Ilha do Principe), e o nosso assinante sr. Antonio de Oliveira Gomes.

Hoje o sr. José Maria Carvalho dos Santos.

Amanhã o sr. Antonio Maria Gonçalves (Santiago) e a menina Maria Celeste de Oliveira Duarte, filha do sr. Manoel Maria Duarte.

No dia 6, o nosso particular amigo sr. Dr. José Duarte Pereira do Amaral.

As nossas felicitações.

## Noticiario

### Partidas e chegadas

Encontram-se entre nós os srs. Dr. Manoel Pereira Coentro e Ex.<sup>ma</sup> Familia, Manoel Nunes da Silva, Dr. Alvaro Valente d'Almeida, Frederico de Quadros Abragão, Mecias Cardoso Relvas, Antonio Fragôso, José Lamy.

— Chegou ante-ontem a esta vila, vindo da Africa, com sua Espôsa e filhos, o nosso conterrâneo, sr. Antonio Ramos.

— Tem estado entre nós, com sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa, o sr. Domingos Arala Pinto.

### Doentes

Encontram-se, há bastante tempo já, doentes, de cama, os academicos Antonio Rodrigues e Joaquim Cunha.

Desejamos que as melhoras ultimamente experimentadas se continuem a acentuar.

— Tem experimentado algumas melhoras, com o que deveras folgamos, o digno inspector do circulo escolar, sr. José de Castro Sequeira Vidal.

— Também tem ultimamente passado incomodado, o que deveras sentimos, o sr. Dr. Antonio dos Santos Sobreira.

### Actos

Na Faculdade Tecnica da Universidade do Porto fêz ha dias actos de «Resistencia de materiaes e estabilidade de construções» e «Construções civis e hygiene tecnica», ficando em ambas as cadeiras distinto com 16 valores, o nosso amigo e distincto sextanista de Engenharia, sr. Frederico de Quadros Abragão, a quem sinceramente abraçamos.

### Pesca

O produto da pesca de arrasto das diversas companhias que trabalham na costa da visinha praia do Furadouro, foi, durante o mês de Março findo, o seguinte:

S. João Batista.....	560\$90
Senhora da Graça....	423\$50
Senhora do Socorro..	362\$65
Republica.....	269\$00
Bôa Esperança.....	267\$60

Oxalá o mar, que ultimamente se tem mantido bastante agitado, permita em breve a continuação da pesca, para que a sua falta não venha agravar ainda mais o estado miseravel em que a classe piscatoria se encontra.

### Augusto Hermogenes Ramos

Enterrou-se hontem este nosso amigo de infancia que do Principe aonde falecera para aqui veio transladado em camara ardente. Recordamos com saudade a sua leal camaradagem de sempre.

Muito novo ainda, pois contava 30 anos, tinha como muitos outros abandonado o lar e os afagos da familia na idade em que a unica ambição do espirito é tentar fortuna. Não quiz a sorte que Augusto Ramos recebesse o premio do seu trabalho honrado, e quando talvez a fortuna verdadeiramente lhe começava a sorrir, veio a morte ceifá-lo e lançar o luto no seio da familia e dos amigos que, como nós, sinceramente o apreciavamos e estimavamos.

Para a sua terra de que era muito amante e de que falava com saudade nas suas cartas, vieram os despojos do seu corpo. Não quiz a familia que eles ficassem longe e em logar onde lhe não poderiam prestar o culto de saudade que lhe era devido.

O seu prestito foi a verdadeira prova de que a familia não se enganou. Todos os seus amigos e mesmo até aqueles que só de nome o conheciam, todos esses num verdadeiro culto de respeito-homenagem o acompanharam até á sua derradeira morada.

A familia enlutada reeteramos uma vez mais a expressão sentida do nosso mais profundo pesar.

### Semana Santa

Com os repiques festivos da Alleluia lá vai a Semana Santa, dias de luto e de contrição.

Passo a passo teem vindo os cristãos acompanhando no seu martirio, na sua dôr, desde o Monte das Oliveiras on-

de o ósculo pérfido de Judas o entregou aos seus inimigos, até ao Gólgotha onde todo o drama de torturas e ignominias teve o seu epilogo funebre, a figura suave de Jesus Cristo.

Revividas em cerimónias de uma emoção profunda, todas as fases desse drama acabam de se succeder nos templos sagrados onde a imagem de Cristo se venera.

Feitas com maior ou menor brilho, todas essas scenas chamam sempre á igreja a multidão imensa dos fieis que no exemplo do seu Deus vão retemperar as suas almas.

Entre nós, este ano, as festas da Semana Santa ficaram muito á quem das dos demais anos; nem as procissões revestiram aquella imponencia, aquella magestade tão características das nossas antigas procissões, nem os sermões tiveram aquele brilho a que afamados oradores sacros, como o cônego Chousal, nos haviam acostumado.

A inclemencia do tempo, sempre chuvoso, impedindo a formação, por exemplo, da procissão em que na noite de quarta-feira se transportam do Calvario para a Igreja Matriz os andores da Virgem e de seu Filho, procissão das mais encantadoras da nossa terra, e fustigando, por vezes, durante a sua passagem pelas ruas da vila, a dos «Fogarêos» ou, como entre nós é conhecida, do «Terro-Terro» da noite de quinta-feira, contribuiu tambem em grande parte para o pouco luzimento da nossa Semana Santa.

Temos a impressão de que tudo isto vai desaparecendo pouco a pouco, todas estas tradições tendem a extinguir-se, sem que, a falar a verdade, saibamos a quem culpar.

Diminuição na crença do nosso povo?

Desleixo por parte das irmandades ou congregações que a seu cargo teem ou tomam a realisação destas festividades?

Talvez um pouco de tudo; uma indiferença geral por tudo o que não seja o vil interesse. Se até a tradicional queima do Judas no dia de ontem, preteisto para umas horas de alegre brincadeira, parece ter acabado!...

São de ontem ainda, por assim dizer, aquêles dias de Semana Santa, por exemplo, em que, com gaudio do rapazão, se celebravam as *cerimónias das trevas*; e os com-

bates de amêndoas nos sermões,— divertimento da gente moça, arrelia do beatério?...

Tudo acaba.

E, no entanto, ali o Peixoto tinha-as tão bôas, tão apetitosas...

### Espectáculo

Hoje á noite deve realizar-se no nosso teatro um espectáculo por um grupo dramático do Porto.

Como se vê, pelos programas, o espectáculo será muito variado, o que deve augmentar-lhe sobremodo o interesse: Uma opereta, uma comédia, fados, canções, duetos, etc., etc.

Será um espectáculo para todos os paladares, em que a par de o «Fado da creada» da engracadissima revista «Paz Armada» figura a canção de «Santo Antonio», um dos numeros mais frequentemente visados da bela e chistosa revista o «Pé de Meia». E' de esperar, pois, que seja enorme a concorrência, logo á noite, ao nosso teatro.

### Roubos

Após algum tempo de descanso, parece quererem voltar á sua faina os rato-neiros.

Numa das ultimas noites coube a visita ao sr. Manoel Matos, a cuja capoeira fizeram, segundo parece, uma limpeza geral.

### Tempo

O tempo tristonho que sempre costuma a caracterizar os dias de recolhimento e de mágua da Semana Santa, durante os quais o próprio Sol parece cobrir-se de crepes, desfêz-se desta vez... em pranto; desde segunda-feira que, com pequenos intervalos, cai sobre nós a chuva, ora miuda, ora pesada, mas sempre impertinente e incômoda.

Findou a semana, veio a Alleluia, a Ressurreição, mas parece que no tempo continua a... tristeza.

Verdade é que lá diz o povo: Em Abril aguas mil.

### Senhora do Desterro

Nos próximos dias 11 e 12 realisa-se na visinha freguezia de Arada a festa da Senhora do Desterro.

Das mais alegres e populares das romarias do nosso concelho, a ella costuma a afluir a mocidade da nossa vila, a pôr na festa sempre uma interessante nota de alegria e vivacidade, essa vivacidade tão própria dos ranchos do Lamarão ou da Arruela, que onde quer que cheguem atraem logo a atenção de toda a gente.

# AVIZ

## Companhia Resseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL --- 1.000.000\$00 ESCUDOS

Autorizada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

**Séde Social**—Rua do Carmo, 69—2.º  
LISBOA  
Endereço telegrafico **VIZA-LISBOA**  
Telefones: Expediente 3919—Administração 5001

**Delegação**—Rua Mousinho da Silveira, 129  
PORTO  
Endereço telegrafico **PORTIVIZA**  
Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50—1.º

**SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:**—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas

**O Conselho de Administração**

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva

QUIOSQUE—TABACARIA Praça da Republica — OVAR —  
\* ANGELO GONZALEZ \*

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionaes e estrangeiros. Papel para cartas, idem de refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de para calçado, bolsas de borracha para tabaco e mui- escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, los outros artigos.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO  
**OVAR**

Depositos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %.  
Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Emprestimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

**Ourivesaria**

E  
RELOJOARIA  
— DE —

José Placido d'Oliveira Ramos

Sucessor de PLACIDO O. RAMOS



Oficina e especialidade em finísimos objectos d'ouro e um sortido completo em estojos de prata proprios para brindes

Comprá ouro, prata e pedras preciosas

73—Rua Elias Garcia—75

OVAR



**Atlántica**

Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00  
Capital realiado (Escudos) 150.000\$000  
Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sède: Lotos, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)...	36.988\$03,5	Siniestros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 » ...	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 » ...	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$90
» de 1917 » ...	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito.  
Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos.  
Seguros agriculas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira  
Dr. José Maria Soares Vieira  
Silvino Pinheiro de Magalhães  
Dr. Leopoldo Correia Mourao | Directores  
Jaime de Sousa | delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo